

NEGÓCIOS DA BORRACHA: UMA ABORDAGEM DA ECONOMIA GOMÍFERA AMAZÔNICA ATRAVÉS DA TEORIA DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO DE SCHUMPETER

Alexandre Martins de Lima¹⁰

RESUMO

Na virada do século XIX para o XX a borracha se tornou matéria-prima indispensável para as economias industrializadas. O inegável monopólio da produção do látex na Amazônia era um constante foco de disputas internacionais, e sua importância crescente fez com que o seu controle evoluísse de uma questão comercial para um status de fator econômico vital no desenvolvimento de políticas nacionais em nações como Estados Unidos e Inglaterra. Ao abordar o ciclo da borracha na Amazônia através da perspectiva das Teorias Econômicas, mais especificamente a Teoria do Desenvolvimento Econômico elaborada por Joseph Alois Schumpeter, observa-se que tradição do modelo econômico da região em nenhum momento deu espaço para as atividades empreendedoras prescritas pelo modelo schumpeteriano, e o monopólio amazônico não se constituiu em barreira de mercado que garantisse a manutenção do mesmo. Por outro lado, o modelo de desenvolvimento econômico de Schumpeter é mais claramente observado no mercado externo através dos ciclos econômicos de curta duração.

Palavras-chave: Desenvolvimento econômico, Amazônia, Schumpeter.

ABSTRACT

At early twentieth century, the rubber from amazonic region became an indispensable raw material for industrial economies. The amazonic monopoly of latex production was a constant focus of international disputes and so, got a status of vital economic factor in the development of national policies in nations like the United States and England. Analysing the amazonic rubber cycle through Economic Theories perspective, specifically through Schumpeter's Economic Development Theory, it was observed that the traditional economic model of amazonic region prevented enterprise activities prescribed by Schumpeter's economic model, besides, the amazonic monopoly didn't work as a market barrier that would guarantee its maintenance. Moreover, the characteristics of Schumpeter's economic model are most clearly seen in foreign markets, basically through economic cycles of short duration.

Key-words: Economic development, Amazonia, Schumpeter.

¹⁰ Arquiteto e Urbanista; Professor da UNAMA; Mestre em Engenharia Civil; Doutorando em Desenvolvimento Sustentável (UFPA) e bolsista da FIDESA; e-mail: alexandre_lima@unama.br

1. INTRODUÇÃO

Em 21 de março de 1833, três anos antes de irromper a Revolução Cabana, Antônio Ladislau Monteiro Baena concluía o *'Ensaio Corográfico sobre a Província do Pará'*. Sua incumbência era reorganizar a composição estatística da Província, atualizando antigas informações e buscando outras mais que pudessem compor uma imagem verossímil do Pará da década de 30 do século XIX. Em sua obra, Baena descreve com bastante riqueza de detalhes o meio físico, a população, os costumes, a fauna e a exuberante flora da Província. Dentre as várias descrições da flora, tem-se:

“Seringueira: árvore de várzea, de que se tira a goma elástica pelo estilo aprendido dos Cambebas, que farão os primeiros, a quem virão fabricar esta resina.”¹

À época de Baena, alguns produtos fabricados com o látex já eram conhecidos, porém ainda não tinham alcançado um patamar de ampla utilização. Entre os anos de 1837 a 1840, em pleno período da revolta cabana, o metodista Daniel Parish Kidder, que esteve em viagem pelo Brasil, chegando à Província do Pará, também escreveu sobre a goma elástica retirada das árvores:

“O europeu aprendeu o uso da goma elástica ou borracha com os Omaguás, uma tribo de índios brasileiros. Com a borracha, os selvagens fabricavam diversas vasilhas semelhantes a garrafas e seringas. Era hábito desse povo presentear os convivas com tais utensílios, no início das suas festas.”

A despeito da controvérsia entre Baena e Kidder sobre a tribo da qual o europeu assimilou o uso da borracha, o fato é que as observações de Kidder, possivelmente motivada pelas possibilidades de uso da goma elástica, vão mais além, chegando a citar os produtos feitos com o látex imprescindíveis ao mundo civilizado:

“Os colonizadores portugueses, do Pará, foram os primeiros a empregar a goma elástica para outros fins, fabricando com ela sapatos, botas chapéus e roupas. A utilidade desse material ressaltou do fato de ser o país muito sujeito a chuvas e inundações. Entretanto, hoje em dia, o desenvolvimento dos processos de fabricação dilatou enormemente a aplicação da borracha, a ponto de se tornar artigo indispensável pra a saúde e conforto de todo mundo civilizado.”

Talvez inadvertidamente Kidder tenha vaticinado sobre o futuro promissor do látex amazônico. Contudo, neste período, a produção da borracha apresentava

pouca agregação de valor, e os produtos confeccionados sofriam com as variações térmicas, tornando-se grudentos e pegajosos com o excesso de calor, ou quebradiços quando importados e submetidos ao frio. A falta de estabilidade da borracha era um problema particular para a exportação, mesmo quando *in natura*.

Na década posterior, a região Amazônica foi intensamente visitada por expedições naturalistas, dentre elas, a de Alfred Russel Wallace e Henry Walter Bates, em 1848. Em seus relatos sobre a região, Wallace também se impressiona com alguns espécimes das quais o nativo da região extraía o látex. Uma era a massaranduba (*Manilkara salzmannii*), ou árvore do leite, cujo látex é comestível, e outra, a *Siphonia elastica*, cuja seiva era usada para o fabrico da borracha. Wallace e Bates atentaram para uma característica das seringueiras que se tornaria um condicionante fundamental para a extração do látex: as árvores de seringa encontravam-se dispersas em um amplo raio no meio da floresta, e a coleta, até então, era feita em trechos em que os numerosos cursos d'água ofereciam acesso rápido.

A partir de 1870, a produção do látex amazônico foi afetada pro propósitos claramente econômicos. A demanda do mercado externo aumentou sobremaneira, gerando um conseqüente aumento na produção gomífera, que atinge seu ápice, e também seu ponto de inflexão, em 1910. Neste ano, outro viajante, Paul Walle, descreveria a economia gomífera na Amazônia da seguinte forma:

“Ninguém hoje ignora que o cautchu constitui a principal indústria dos estados amazônicos, Pará e Amazonas, aos quais temos de acrescentar o Território Federal do Acre. Trata-se do seu mais fecundo elemento de riqueza, o mais poderoso fator do enorme progresso comercial e material desses estados. Sua prosperidade presente resulta quase que exclusivamente da exploração e do rendimento deste produto. [...] O Brasil é incontestavelmente o maior produtor de cautchu do mundo.”

A Amazônia deteve, segundo WEINSTEIN (1993), praticamente um monopólio da produção de látex, contudo, o contrabando de sementes de *Hevea* para a Ásia contribuiu, atesta PRADO JR (1985), para o declínio desta cultura no setentrião amazônico. A seu turno, SARGES (2002) observa que a partir de 1910 ocorre o solapar de uma fase de crescimento, quando a região amazônica começou a sofrer os impactos do descenso da economia da borracha causado pela forte concorrência asiática.

O que a historiografia convencionou como *boom* da borracha, ou ciclo da borracha, na região Amazônica já foi intensa e extensivamente explorado por autores do calado de WEINSTEIN (1993), PINTO (1984), OLIVEIRA FILHO (1979) e SARGES (2002). Longe da pretensa intenção de desconsiderar os estudos já produzidos, e cômicos da possível impossibilidade de acrescentar novos dados aos

mesmos, tencionamos com o presente artigo abordar o ciclo da borracha na Amazônia através da perspectiva das Teorias Econômicas, mais especificamente a Teoria do Desenvolvimento Econômico elaborada por Joseph Alois Schumpeter. Contudo, para tal, faz-se mister uma revisão da Teoria em questão.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1. Teoria do Desenvolvimento Econômico de Schumpeter

Joseph Alois Schumpeter, nascido em Triest, atual República Tcheca, em 1883, mesmo ano da morte de Karl Marx, estudou economia na Universidade de Viena. Sua brilhante capacidade de raciocínio permitiu que em 1911, aos 28 anos de idade, publicasse um clássico da literatura econômica: *Teoria do Desenvolvimento Econômico* (doravante denominado TDE). Apesar de TDE ser sua obra de maior reconhecimento, COSTA (2006) esclarece que sua produção acadêmica foi bastante profícua, e dentre suas principais obras destacam-se *A natureza e a essência da economia teórica*, de 1908, *Teoria do Desenvolvimento Econômico*, de 1911, *Imperialismo e Classes Sociais*, de 1919, *Business Cycles*, de 1939, *Capitalismo, socialismo e democracia*, de 1942, e *História da análise econômica*, obra póstuma, de 1954.

O pensamento econômico de Schumpeter, segundo MORIOCHI E GONÇALVES (1994), foi influenciado por Marx, bem como pelas descobertas científicas vivenciadas ao redor do mundo na virada do século XIX para o XX, e que marcaram sobremaneira a história da economia. Ainda que no campo ideológico-filosófico Schumpeter tenha adotado uma visão oposta à visão marxista, segundo os retromencionados autores, Schumpeter parece ter herdado de Karl Marx uma visão dinâmica do processo de desenvolvimento, já que este desenvolveu um modelo bastante abrangente, chegando mesmo a considerar neste modelo as manifestações culturais.

No caso do modelo de desenvolvimento de Schumpeter, o mesmo não apresenta o nível de generalidade do modelo marxista, pois é um modelo construído para explicar o desenvolvimento da economia capitalista; contudo, a influência marxista no modelo de desenvolvimento schumpeteriano finda neste ponto, uma vez que para proceder a análise do processo econômico, Schumpeter parte de algumas premissas dos economistas neoclássicos, como a Teoria do Fluxo Circular e a Teoria do Equilíbrio Geral, de Léon. Walras.

Ainda que sua obra utilize conceitos da economia neoclássica, Schumpeter tem concepções próprias relativas a determinados pontos da análise econômica, porém o que mais o distingue dos neoclássicos, na visão de MORIOCHI E GONÇALVES (1994), é seu aporte mais amplo do processo de desenvolvimento e por tentar desvendar o processo de variação econômica, dificilmente explicável sob a ótica estática das teorias neoclassicistas. Assim, com a intenção de aproximar-se dos movimentos da economia capitalista, Schumpeter constrói em TDE uma imagem mental, como se fosse um protótipo do mecanismo econômico: “Para isso, pensemos primeiramente num Estado organizado comercialmente, no qual vigorem a propriedade privada, a divisão do trabalho e a livre concorrência.”

Partindo desta condição de contorno, o autor assume a existência de uma tendência ao equilíbrio geral entre os determinantes imediatos da produção de uma economia, que segundo os autores tradicionais, seriam a quantidade e qualidade de força de trabalho, a quantidade e composição do estoque de capitais, a natureza das condições dos recursos naturais e o nível tecnológico. Sob esta perspectiva, a posição do estado ideal de equilíbrio muda em função do grau de utilização e das taxas de aumento destes elementos produtivos, porém tais mudanças assumem papéis meramente adaptativos, compatíveis com oscilações ocasionais, sazonais ou contínuas. Este sistema em equilíbrio estático é denominado fluxo circular, no qual o curso da economia transcorre de maneira monótona, “*correndo* pelos mesmos canais ano após ano”, fazendo com que a economia se apresente de maneira idêntica em sua essência, em um eterno *continuum*.

Segundo Schumpeter, tal comportamento é designado meramente como crescimento, uma vez que seu conceito de desenvolvimento refere-se às mudanças da vida econômica que não lhe forem impostas de fora, mas que surjam de dentro por sua própria iniciativa. Desta forma, Schumpeter conclui:

“Se se concluir que não há tais mudanças emergindo da própria esfera econômica, e que o fenômeno que chamamos de desenvolvimento econômico é na prática baseado no fato de que os dados mudam e que a economia se adapta continuamente a eles, então diríamos que não há nenhum desenvolvimento econômico”.

O desenvolvimento econômico, no sentido adotado por Schumpeter, é um fenômeno distinto, completamente estranho ao que se pode observar no fluxo circular ou na tendência ao equilíbrio. É uma “mudança espontânea e descontínua nos canais de fluxo, perturbação do equilíbrio, que altera e desloca para sempre o estado de equilíbrio previamente existente”. Assim, com o deslocamento do ponto de equilíbrio, a nova condição econômica não poderá ser alcançada a partir de condições prévias.

O modelo de desenvolvimento econômico de Schumpeter considera que a grande força motriz do processo de mudanças no fluxo circular são as inovações, cujos amplos efeitos não só conduzem a um realinhamento das atividades econômicas, como também garantem o aspecto instável e evolutivo da economia capitalista. As novidades, conforme o autor, não apareceriam no sistema econômico de uma maneira tal que primeiramente as novas necessidades surgem espontaneamente em função de demanda do mercado consumidor e então o aparato produtivo se modifica sob pressão de novas demandas. Em verdade, tais mudanças ocorrem na esfera da vida industrial e comercial, e não na esfera das necessidades dos consumidores e produtos finais, uma vez que estes dois últimos casos não oferecem outro problema a não ser uma mudança nos dados naturais.

Desta forma, segundo o modelo schumpeteriano, a mudança econômica inicia com o produtor, e os consumidores são educados por ele, ou seja, são “ensinados” a querer coisas novas, ou que diferem daquelas que têm o hábito de usar ou consumir. Assim, é a partir desse ponto de análise que Schumpeter vincula o mecanismo da variação econômica a três conceitos: inovação, empresário e capital.

As inovações, no sentido dado pela TDE, são caracterizadas pela introdução de novas combinações produtivas ou por mudanças nas funções de produção, e são classificadas segundo cinco modalidades distintas, quais sejam: com a introdução de um novo bem de consumo ou através das mudanças qualitativas em determinado produto; com a introdução de modificações no método produtivo, ou de outra forma, através da introdução de um método produtivo ainda não experimentado em um determinado ramo produtivo; através da abertura de um novo mercado consumidor onde um determinado ramo produtivo ainda não tenha entrado; através da conquista de uma nova fonte de matéria prima, e por fim, através do estabelecimento ou de ruptura de uma economia de monopólio. Cabe observar que no contexto do modelo schumpeteriano, as inovações no processo produtivo podem ou não ser decorrentes de descobertas científicas.

Para que estas novas combinações possam ser implementadas e causar perturbações no fluxo circular da economia, é necessária visão ampla, sensível às mínimas oportunidades de mercado. É indispensável um comportamento empreendedor, diferente do comportamento do administrador, e tais características seriam encontradas no empresário, que para Schumpeter, é o grande responsável pela realização das novas combinações produtivas, ou inovações. Assim, o empresário é definido através de sua função no ambiente, e não pela posse do capital necessário para o novo arranjo do processo de produção.

Até então a figura do empresário, segundo o próprio Schumpeter, era definida como quem recebe lucro. No entanto, o lucro é inexistente no fluxo circular, portanto, a tendência é que o empresário não tenha nenhum lucro, nem prejuízos, ou seja, ele não desempenha nenhuma função especial, simplesmente ele não existe. A concepção marshalliana do empresário, a seu turno, trata desta figura como um mero administrador, porém, para Schumpeter, o empresário é um elemento fundamental no cenário econômico, que se distingue na sociedade por apresentar considerável sinergia e capacidade de realizar coisas novas que não estejam presentes de maneira difundida entre a população. É alguém que tenha habilidade para implementar o novo.

O empresário schumpeteriano não seria motivado pelo desejo do lucro. Antes disto, existe o desejo íntimo da realização, da conquista, o impulso de lutar e provar para si mesmo a sua superioridade, ter sucesso, não unicamente pelos frutos que porventura advenham dele, mas pelo sucesso em si mesmo. O empresário, na visão de Schumpeter, é movido pela alegria de criar, de realizar coisas, ou de simplesmente exercitar sua energia e engenhosidade. Ele não deve ser confundido com o tradicional capitalista que pertence à classe burguesa, embora se junte a ela ao ser bem-sucedido em sua empreitada. Em verdade, quando o seu sucesso econômico o eleva socialmente, ele, segundo Schumpeter, não tem nenhuma tradição cultural ou posição a recorrer, mas se move na sociedade como um novo-rico, cujas maneiras são alvo de freqüentes risos.

A despeito do fato, cada passo dado pelo empresário fora da rotina encontra dificuldades e envolve um elemento novo, que segundo o modelo schumpeteriano, seria a liderança. O autor enfoca estas dificuldades em alguns pontos básicos, a saber: fora dos canais habituais da economia, o indivíduo está desprovido de dados que norteiem suas decisões, bem como a sua conduta. Certamente que o empresário ainda deve prever e julgar conforme sua experiência, porém, para levar a cabo um plano novo e obter sucesso, tudo passa a depender de sua intuição, da capacidade de ver as coisas de uma forma que depois se prove como correto. Um outro ponto mencionado por Schumpeter é a reação do meio social contra aquele que deseja fazer algo novo, que pode se manifestar através de impedimentos políticos ou legais, no ostracismo social, nas dificuldades para encontrar a cooperação necessária e finalmente na dificuldade de conquistar mercado consumidor. Por estas razões, além de outras mais, que a figura de empresário deve apresentar características invulgares.

Cabe citar que o empresário não é o responsável por criar ou descobrir novas possibilidades. Segundo Schumpeter, “ele conduz os meios de produção para novos canais. Mas não faz isso convencendo as pessoas da conveniência da realização de seu plano ou criando confiança em sua liderança à maneira de um líder político – o único homem a quem tem que convencer ou impressionar é o banqueiro que deve financiá-lo”. Para Schumpeter, o empresário não é necessariamente capitalista, ou seja, não devem necessariamente dispor de capital de investimento.

É neste ponto que o autor introduz a figura do capitalista, que ao lado do empreendedor, é mais um protagonista do mercado. Em verdade, através do apoio financeiro dos capitalistas, através de empréstimos, é que os empreendedores introduzem as novas combinações no processo produtivo em função de oportunidades de mercado que devem ser lucrativas para que então o sistema possa crescer e expandir.

Conforme MORIOCHI E GONÇALVES (1994), o capital não é o estoque de bens reais de uma comunidade, mas antes, uma reserva monetária que capacita o empresário a ter o controle dos fatores de produção; em outras palavras, é a soma dos meios de pagamento que está disponível a qualquer momento a ser transferido aos empresários. Segundo a análise dos referidos autores, o capital na economia schumpeteriana desempenha o mesmo papel que uma autoridade planejadora em uma economia centralizada: os recursos são desviados do emprego corrente para novas formas de utilização e na economia capitalista o crédito nas mãos dos empresários permite que o mesmo utilize para seus fins parte da riqueza do sistema.

Somente após definir os conceitos de inovação, empresário e capital, é que Schumpeter propõe o mecanismo de variação econômica, cujo ponto de partida é a economia que se encontra em equilíbrio. Como já mencionado, tal economia se caracteriza por seu estado estacionário, ou seja, não apresenta nenhuma variação nos canais através dos quais o capital circula. Este sistema econômico, também denominado *fluxo circular* apresenta uma produção caracterizada por atividades rotineiras, pois as empresas produzem sempre os mesmos tipos de bens, e sempre na mesma quantidade. Os fatores de produção são sempre combinados da mesma forma.

No momento em que o empreendedor, ou empresário, observa uma oportunidade no mercado para a introdução de inovações, ele recorre ao sistema bancário criadores de crédito a fim de financiar as inovações e com estas provocar um desequilíbrio no fluxo circular da economia. Necessário observar que tal desequilíbrio surge no âmbito da produção, em função de uma nova combinação dos antigos fatores produtivos. Os empresários inovadores logo são seguidos por outros, e segundo análise de MORIOCHI E GONÇALVES (1994), os preços e as rendas monetárias se elevam com o gasto empresarial se infiltrando no sistema econômico.

Com o excesso de inovações introduzidas no mercado, surge o que Schumpeter denomina de *destruição criadora*, ou seja, quando as velhas empresas verificam que seus mercados foram reduzidos ou destruídos pelo aparecimento de bens competitivos, comercializados a preços menores. Neste contexto, as empresas têm poucas alternativas: ou vão à bancarrota ou são compelidas a aceitar uma posição de menor importância no mercado. Tal quadro é agravado com a tendência de recessão do mercado com o declínio da atividade inovadora, e tal recessão é potencializada pelos

resgates dos empréstimos bancários, que segundo de MORIOCHI E GONÇALVES (1994), forçam os preços e a renda monetária a caírem, porém, o quadro não é capaz de provocar uma depressão econômica em larga escala.

Conforme análise dos supracitados autores, a depressão em larga escala seria proporcionada pela cessação das atividades inovadoras da onda secundária. Em outros termos, quando os empreendedores injetam recursos na economia para a introdução de novas combinações, os preços apresentam tendência de elevação, o que encoraja as firmas antigas a também realizarem investimentos, na expectativa da elevação dos preços. No entanto, no momento em que a destruição criadora passa a conter a onda primária de investimentos, a segunda onda – dos investimentos imitativos – sofre um grande colapso, desencadeando desta maneira, um forte movimento descendente e acumulativo da atividade econômica, caracterizando assim a depressão em larga escala.

Assim, com a introdução das inovações, o fluxo circular é perturbado, e dentro em pouco, a economia tende a voltar à sua posição de equilíbrio, e o cenário estaria apto para novas atividades empreendedoras. No entanto, segundo o modelo de Schumpeter, o novo ponto de equilíbrio encontra-se em uma posição mais elevada que aquela em que se encontrava anteriormente. Destarte, no modelo schumpeteriano é através de ciclos econômicos que o desenvolvimento se manifesta, aos “saltos”, através de deslocamentos irreversíveis para planos mais elevados. Contudo, tais ciclos apresentam periodicidades diferenciadas, influenciadas pela natureza da inovação. São eles: ciclo de ondas longas, ou de *kondratieff*, que apresenta período variável em torno de 54 a 60 anos; o segundo ciclo, de duração média, ou ciclo de *juglar*, apresenta duração em torno de 9 a 10 anos; o último ciclo, de curta duração, ou de *kitchin*, tem duração em torno de 40 meses.

2.2. Críticas ao Modelo de Desenvolvimento Econômico de Schumpeter

Uma crítica precisa sobre a teoria schumpeteriana foi formulada por Celso Furtado, destacado intelectual do país durante o século XX e um dos maiores expoentes da economia brasileira, principalmente por seus aportes precisos sobre o desenvolvimento econômico na periferia do sistema capitalista, os quais divergiram consideravelmente das doutrinas econômicas dominantes em sua época. Comentam MORIOCHI E GONÇALVES (1994) que, segundo a crítica furtadeana, existiria uma pretensa universalidade na teoria de Schumpeter, onde o espírito da empresa como categoria abstrata é desconsiderado, independente do tempo e de toda ordem institucional. Na teoria schumpeteriana, o empreendedor seria um fenômeno inerente a todas as organizações sociais, desde as tribais às socialistas, no entanto, o modelo de Schumpeter é circunscrito à sociedade capitalista, e esta é um fenômeno que apresenta suas características próprias e que a diferenciam de qualquer outra sociedade.

A crítica vai além, e FURTADO (1961) classifica a teoria de Schumpeter como uma teoria do lucro em vez de teoria do desenvolvimento econômico, uma vez que explica o aparecimento do lucro através do deslocamento do sistema de um plano para outro com a introdução de inovações; sua idéia de que o desenvolvimento econômico ocorre aos saltos, é vaga. Vago também, segundo a crítica furtadeana, é o conceito de novas combinações e inovações, mesmo tendo Schumpeter enumerado cinco formas distintas de se introduzir tais inovações.

Como o modelo schumpeteriano considera a economia de monopólio como uma nova combinação, o conceito desta passa a não envolver necessariamente a idéia de redução de custos, aumento de produtividade, introdução de tecnologia de ponta. A crítica furtadeana segue, observando que o empresário do modelo schumpeteriano, ao contrário do que acontece com outros personagens que se beneficiam também de elevadas rendas, está sempre intimamente ligado ao processo produtivo, de maneira tal que toda sua vida é dependente da produção. Assim, se todas suas energias, inteligência e perspicácia estão canalizadas para a produção, seria perfeitamente factível, dentro da crítica furtadeana, partir da observação que mostrasse o empresário como um indivíduo que tem o lucro como perspectiva e não a satisfação pessoal em primeiro plano.

As inovações do modelo de Schumpeter, segundo a crítica do autor em tela, não seria exclusivamente produto de um espírito empreendedor. De outra forma, as inovações poderiam ser o resultado dos esforços das empresas para encontrar aplicações para os recursos acumulados, como no caso em que dentro de determinadas condições de contorno, a produtividade sofrer um aumento em decorrência natural da acumulação de capital, e os custos serem reduzidos com o aumento da escala de produção. Neste caso, não foi exigido nenhum espírito empresarial. Segundo comentam MORIOCHI E GONÇALVES (1994), Celso Furtado reconhece o dinamismo das inovações schumpeterianas no fluxo econômico, porém, para este, o cerne do desenvolvimento não repousa nas inovações, mas antes na acumulação de capital.

De todas as críticas ao modelo schumpeteriano de desenvolvimento, MORIOCHI E GONÇALVES (1994) apontam as de Paul Sweezy como as mais concisas. Conforme MELO NETO E OLIVEIRA (2004), Paul Marlor Sweezy foi um dos mais influentes economistas marxistas do século XX. Foi aluno e posteriormente assistente, em Harvard, de Joseph Schumpeter. Por ser profundo conhecedor do pensamento de seu antigo mestre, Sweezy direcionou suas observações no ponto de partida do processo de desenvolvimento econômico de Schumpeter: o fluxo circular.

Na economia de fluxo circular o conceito de variabilidade é inexistente, bem como inexiste a classe capitalista. A sociedade seria dividida entre os donos da terra e os demais, e todos teriam acesso ao capital. Não havia acúmulo de riqueza, pois o que

seria produzido seria consumido, nada restando para a acumulação. Se ninguém estaria interessado em poupar, então a idéia de Schumpeter de retirar do fluxo a acumulação seria factível. Desta maneira, o empreendedor de Schumpeter seria o maior responsável pela variação, e a acumulação de capital seria uma consequência.

Sob um ponto de vista alternativo, SWEEZY (1962) propõe um sistema econômico estacionário, mas que além dos donos da terra e trabalhadores, existam também a classe dos capitalistas, os quais controlariam os meios de produção. Seria então neste modelo de economia que seria lógico existir um forte motivo para a acumulação de riqueza em função da existência de excedentes. Assim, tanto a acumulação quanto os excedentes fariam uma pressão contínua no sentido da variação econômica. Desta maneira, FOSTER(s/d) observa que enquanto Schumpeter sustentou que a inovação deveria ser observada como estímulo ao lucro e a acumulação, Sweezy, a seu turno, preconizava que a inovação deveria ser vista como um elemento subordinado ao processo de acumulação.

2.3. Economia Gomífera Amazônica através de uma abordagem schumpeteriana

Para efeito de análise do fenômeno gomífero na Amazônia, será considerado um recorte temporal que vai de 1870 até 1910. O recorte foi escolhido por alguns motivos: após a descoberta de vulcanização por Goodyear em 1839, o látex amazônico passa a sofrer uma forte pressão em função de uma demanda crescente do mercado externo; no entanto, foi somente em meados de 1870 que a demanda internacional pelo látex amazônida toma vultosas proporções, e tal demanda continuaria crescente até 1910, quando em função da concorrência asiática, a borracha cai de cotação no mercado.

O látex amazônico foi largamente explorado, segundo atesta PINTO (1984), dentro de um sistema capitalista, e dentro desta condição de contorno é possível proceder a uma análise de seu uso como matéria-prima, e todo o mecanismo econômico a ele relacionado, através do pensamento schumpeteriano, uma vez que o mesmo foi desenvolvido segundo a dinâmica da economia capitalista. Observa PINTO (1984) que o látex, à época das grandes navegações e dos descobrimentos, era utilizado para a confecção de pequenos objetos de uso geral, mas a mesma lógica comercial-capitalista européia que introduziu em larga escala produtos de origem vegetal até então desconhecidos ou comercializados em pouco volume no Velho Continente, deixou que o látex, bem como outros produtos de uso nativo, escapassem dos interesses comerciais mais imediatos.

Dentre as possíveis hipóteses levantadas pelo retromencionado autor para justificar este fato, tem-se as dificuldades de processamento da goma elástica

solidificada, fato este quem até a sua estabilização através da vulcanização, parece ter contribuído de maneira decisiva para o desinteresse econômico por esta matéria-prima. O autor menciona que o intervalo de tempo transcorrido entre a primeira notícia européia sobre a existência do látex até a o estabelecimento das grandes unidades fabris de artefatos vulcanizados, correspondeu a profundas transformações que revolucionaram o modelo de produção então existente, tornando a acumulação capitalista o objeto último da sociedade emergente.

Comenta PINTO (1984) que foi nesta época que o progresso científico se transformou num instrumento para a consecução de uma crescente acumulação de capital. Tal assertiva encontra embasamento no modelo econômico de Schumpeter, uma vez que preconiza a acumulação de capital como oriundo da introdução de inovações pela ação do empresário. No entanto, é necessário observar que para Schumpeter, o progresso científico, personificado pelas inovações tecnológicas, por si só não têm valor econômico, assim, era papel do empreendedor tomar partido de tais elementos para produzir novas combinações na produção. Apesar da importância e das características intrínsecas da figura do empresário no modelo schumpeteriano, PINTO (1984) comenta que no momento histórico de maior impulso da exploração da borracha amazônica era freqüente a fusão, em uma única pessoa, das figuras do comerciante, do inventor ou cientista, e a do industrial.

A borracha amazônica só seria observada pelas nações estrangeiras sob perspectivas econômicas, embora ainda precárias, a partir do século XVIII, e o primeiro passo nesse sentido foi o relatório de Charles Marie de La Condamine, que de passagem pelo Peru, descreveu a coleta do látex, os objetos que com ele eram feitos, bem como sugerindo a aplicação numa diversidade de outros artefatos. Já não se tratava mais de uma mera notícia, como em princípios do século XVI, mas de uma possibilidade comercial, que segundo PINTO (1984), chegou numa Europa em pleno processo de transformações e ávida por oportunidades econômicas e por exploração de novos mercados.

Esta conjuntura, dentro da lógica schumpeteriana, apresenta um quadro propício para a introdução de inovações: no mercado europeu, o látex era uma nova fonte de matéria-prima, e suas oportunidades de exploração econômica eram inúmeras, dentre elas, a melhoria de peças de vestuário através da aplicação do látex para impermeabilização, a fabricação de calçados impermeáveis, e a utilização da borracha para remover os traços de grafite sobre determinadas superfícies; em outros termos, a borracha proporcionou tanto a melhoria da qualidade de produtos já conhecidos quanto à introdução de novos. Além disto, a exploração de novos mercados consumidores, onde os novos produtos europeus manufaturados ainda

não fossem conhecidos, de acordo com o pensamento de Schumpeter, também é configurada como uma modalidade de inovação.

O acelerado processo de industrialização, observado principalmente na Inglaterra, também deu origem a novas técnicas e produtos que incorporavam a borracha em sua elaboração, e com isto, abria-se um novo ciclo de exploração do látex amazônica através de seu uso em produtos diversificados tanto no mercado europeu quanto norte-americano. Punha-se em marcha, conforme análise de PINTO (1984), um processo bilateral, onde em uma ponta ocasionaria um desenvolvimento acelerado da indústria de artefatos de borracha, e na outra, o surgimento na Região Amazônica de um monopólio de produção gomífera, mesmo com a precariedade de seus processos de produção. Com efeito, o grande impulso na indústria de artefatos de borracha iria esbarrar nas formas arcaicas de extração, e conseqüentemente, observa WEINSTEIN (1993), na qualidade medíocre de seus produtos finais.

Importante observar que a utilização em larga escala da borracha amazônica como matéria-prima para a indústria estrangeira não ocorreu de maneira rápida, tampouco foi este um processo contínuo e isento de barreiras a superar. Esclarece PINTO (1994) que é possível observar, com uma certa precariedade de limites, dois momentos do emprego da goma elástica brasileira na indústria. Na primeira fase, caracterizada pela produção de tecidos e vestes impermeabilizadas, botas e outros bens de consumo correlatos, a utilização do látex foi viabilizada pela adoção de novas técnicas de produção, como o uso da benzina como solvente, e pelo uso de calandras para moldagem da borracha.

Analisando o contexto pela ótica do modelo schumpeteriano de desenvolvimento, a borracha amazônica é uma inovação por ter ocasionado um realinhamento das combinações dos elementos produtivos, por ser uma nova fonte de matéria prima e principalmente por demandar profundas modificações na produção, uma vez que demandava tratamento específico de acordo com as características diferenciadas de tal insumo. De qualquer forma, observa-se que a industrialização da borracha, fato este que proporcionaria toda uma mudança no panorama econômico quase em escala mundial, não partiu de pressões de demanda do mercado consumidor.

Em verdade, foi um processo que iniciou no setor produtivo, de conformidade com o a teoria de Schumpeter. O mercado consumidor passou a sofrer uma grande influência por parte dos produtores, sendo aqueles praticamente compelidos a consumir os novos bens de consumo produzidos com a borracha amazônica industrializada. No entanto, mesmo com um forte apoio de tratamentos físicos e químicos, os produtos desta primeira fase de industrialização da borracha eram de qualidade sofrível, pois padeciam com a suscetibilidade a variações térmica.

Tais produtos só apresentariam um salto qualitativo em 1839, quando Charles Goodyear desenvolveu um processo de tratamento do látex que consistia numa mistura aquecida de borracha e enxofre. O processo, depois denominado vulcanização, proporcionaria aos produtos feitos de borracha maior resistência a quaisquer oscilações de temperatura. A descoberta de Goodyear configura-se como uma inovação, segundo o sentido dado ao termo por Schumpeter, pois não só modificou o processo de industrialização deste insumo, como também trouxe melhorias consideráveis nas características e na qualidade dos produtos à base de látex natural.

No entanto, o advento de uma nova tecnologia, de uma descoberta, por si só, não apresenta capacidade de gerar riqueza, e as conseqüências do enorme salto qualitativo proporcionado pela vulcanização não foram reconhecidos de imediato. Goodyear tentou vender sua idéia nos Estados Unidos, porém os reveses sofridos pelas primeiras indústrias de artefatos de borracha ainda eram nítidos. Foi assim que o inventor tentou vender a idéia na Europa e inadvertidamente contribuiu de forma positiva às pesquisas desenvolvidas por Thomas Hancock, que apropriando-se da descoberta de Goodyear, antecipou-se à este e patenteou a vulcanização na Inglaterra oito semanas antes.

De qualquer forma, observa-se que tanto Goodyear quanto Hancock, embora ligados diretamente à descoberta tecnológica, não foram capazes de introduzi-la no contexto produtivo. Não só por não deterem os meios de produção e o capital necessário para tal, mas também por seu próprio perfil. É neste sentido que Schumpeter introduz o conceito de empreendedor, ou empresário. É esta personagem que tem a capacidade de perceber as mínimas oportunidades de mercado, e através de novos arranjos nos elementos produtivos, incorporando aí as inovações tecnológicas, como no caso a vulcanização, produzem perturbações nos canais ordinários da economia, e como conseqüência produzem lucro.

É a partir deste momento, conforme análise de PINTO (1984), que se iniciou a segunda etapa da indústria de artefatos de borracha, que na medida em que se consolidava, aumentava o processo de corrida às fontes supridoras de matéria-prima. A partir da segunda metade do século XIX, a indústria americana de artefatos de borracha sofre um considerável crescimento, suplantando as indústrias européias, atingindo uma indiscutível liderança mundial no setor. Segundo a TDE de Schumpeter, é possível assumir que os lucros advindos da indústria de artefatos de borracha atraíram a atenção de outros empresários, encorajando-os a também realizar investimentos no setor. Assim, os produtos industrializados à base de

borracha foram rapidamente copiados por outras indústrias, na expectativa de elevação dos preços e obtenção de lucro.

Segundo esta análise, com o excesso de produtos de borracha no mercado, surge a destruição criadora de Schumpeter. Os produtores de borracha industrializada previamente estabelecidos verificaram que seus mercados foram reduzidos, ou mesmo destruídos pelo aparecimento de bens competitivos. Para manter a competitividade, tornou-se então necessário um rearranjo na produção das empresas mais antigas, caracterizando assim um quadro de constante inovação, seja pela diminuição dos custos de produção, pela busca constante de melhoria na qualidade dos produtos, ou pelo domínio das fontes de matéria-prima. Foram estas condições, em particular a última, que ocasionaram uma grande corrida às fontes abastecedoras de látex, gerando fortes pressões de demanda sobre a Amazônia.

2.4. A Dinâmica da Economia Gomífera na Amazônia

O cenário amazônico na primeira metade do século XIX era bastante desfavorável. Sua baixa densidade demográfica fazia com que fosse parcamente habitada; a economia era próxima do patamar da subsistência, e as dificuldades de transporte e comunicação faziam com que a região apresentasse modestos recursos econômicos. O cenário amazônico ainda foi abalado pela Cabanagem durante os anos de 1835 a 1840. Segundo observado por WEINSTEIN (1993), a grande concentração de exploração da *Hevea* estava nos arredores de Belém e região das ilhas, o que fez desenvolver-se na capital um incipiente comércio de artefatos de borracha, inclusive para exportação.

Além das dificuldades de acesso às áreas produtoras, o látex extraído não era suficiente para atender a crescente demanda externa, embora sua produção fosse crescente, como pode ser observado no gráfico 01. Contudo, tais dificuldades foram transpostas e a produção de borracha na região Amazônica cresceu consideravelmente. Comenta PINTO (1984) que o crescimento vertiginoso da produção gomífera amazônica ocorreu não só em função da grande demanda do mercado consumidor externo, mas também por conta políticas imperiais, que a seu turno, também sofreram enormes pressões diplomáticas norte-americanas e inglesas no sentido de facilitar tanto o acesso à região quanto o escoamento da produção, inicialmente através da concessão da navegação à vapor nas águas do Amazonas à Irineu Evangelista de Souza, Barão de Mauá, e posteriormente pela abertura do Grande Rio à navegação internacional.

Assim, abria-se o canal através do qual se garantiria o domínio das regiões produtoras de borracha, e em última instância, a manutenção da competitividade da

indústria que eventualmente conseguisse estabelecer o monopólio de exploração da produção do látex amazônico.

Produção da Borracha na Amazônia

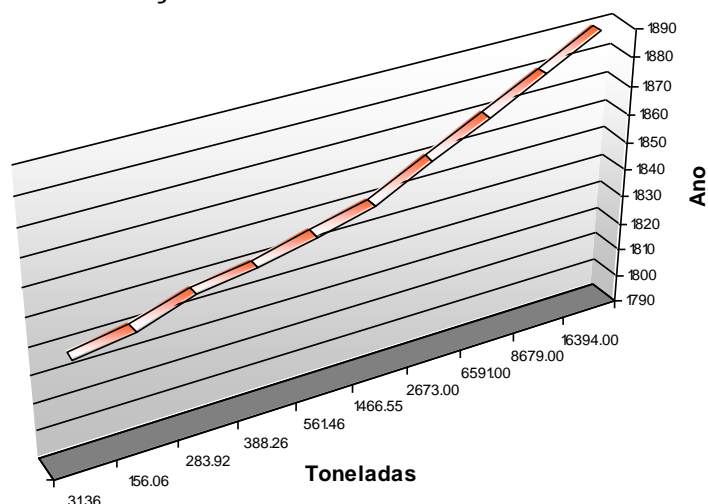


Gráfico 01 – Produção de borracha na Amazônia. (fonte: REIS *apud* PINTO, 1984)

Este crescimento acabou deslocando grande parte da mão-de-obra disponível na região para a extração do látex, o que desarticulou a produção local de alimentos e agravou sobremaneira o já existente problema de escassez de trabalhadores. No entanto, observou-se na região um intenso fluxo migratório a partir do terceiro quartel do século XIX, provocado, atesta WEINSTEIN (1993), por um longo período de estiagem no nordeste brasileiro, e que, em última instância, mitigou os problemas oriundos da falta de população economicamente ativa na região.

Tanto o amazônida quanto o migrante nordestino foram aliciados pelos arregimentadores de mão-de-obra e atrelados à economia gomífera, formando a base do *mastro totêmico* das relações sócio-econômicas que caracterizaram o negócio da borracha. Eram deslocados para as frentes de trabalho, na grande maioria das vezes, isolados de qualquer contato humano. Segundo observa WEINSTEIN (1993), o isolamento nas frentes de trabalho era reflexo do crescimento natural da flora amazônica. Uma vez que as seringueiras encontravam-se dispersas na floresta, a coleta do látex acabou demandando uma população de produtores

extremamente móvel e dispersa, cujas rotinas de trabalho dificilmente poderiam ser submetidas às formas comuns de organização.

O isolamento, aliado à inexistência de ocupação econômica alternativa obrigavam o seringueiro a depender quase exclusivamente do seringalista proprietário das terras que eram arrendadas aos seringueiros, ou do comerciante local, também denominado de “aviador”, que mantinha o controle informal da produção e do comércio do látex na área, negociando a produção do seringueiro e mantendo o mesmo abastecido de ferramenta e víveres. Gêneros caros, aliados à baixa remuneração, mantinham o seringueiro em uma situação de eterna dívida, sendo assim obrigado a trabalhar por tempo indefinido. Comenta PINTO (1984) que desta condição poucos conseguiram escapar.

Recebida a borracha, ela seguia para Belém ou Manaus, sendo levada diretamente para o armazém comercial do dito “aviador”. As casas aviadoras eram o elo comercial de maior importância na cadeia econômica da borracha, pois decidiam quando e a quem vender a produção, negociavam com as casas importadoras as mercadorias que a *posteriori* eram repassadas aos seringueiros a valores astronômicos, e encarregavam-se de providenciar, através dos bancos locais, créditos adicionais ou empréstimos a curto prazo para financiar compras de maior monta, como barcos a vapor, ou instalações como embarcadouros.

As casas aviadoras, sob um certo prisma de análise, tinha a capacidade e a possibilidade de controle dos elementos da produção do látex na medida em que decidia para quem e quando vender, por transacionar os viveres que mantinham os seringueiros, e por também buscar financiamentos nos bancos para financiar a implementação de melhorias no sistema. Tais características permitem assumir que as casas aviadoras desempenhavam papel similar ao do empresário segundo o modelo schumpeteriano. Por fim, a borracha passava para as casas importadoras, que a transferia para o exterior, onde sem muitas delongas, eram conduzidas aos pátios das indústrias.

Segundo PINTO (1984), consolidou-se na Amazônia uma rede comercial baseada numa extensa cadeia creditícia, e os principais canais de circulação do capital estavam no comércio exportador e importador, bem como nos serviços de transporte e financiamento de todas estas operações. A abertura de novos seringais se constituía no único investimento fixo de vulto, visando o aumento da produção na mesma proporção do aumento da demanda. Cabe observar que o sistema econômico que se estabeleceu na Amazônia em vez de destruir as relações de produção existentes, levantou-se sobre elas, consolidando modos tradicionais de extração e troca. Para WEINSTEIN (1993), foi chocante o contraste entre a indústria de produtos de borracha, metropolitana e tecnologicamente avançada e o sistema primitivo de extração da borracha amazônica.

Partindo do exposto, observa-se que o sistema econômico tradicional da região Amazônica, baseado nas relações de extração e troca não foi alterado pelas pressões do mercado externo. Em verdade, os condicionantes imediatos da produção, sejam eles a quantidade da força de trabalho, a quantidade e a composição do estoque de capitais sofreram modificações meramente adaptativas, compatíveis com a oscilação da demanda externa pela borracha. A escassez de trabalhadores para serem alocados nos seringais foi em parte mitigada pela intensa migração de nordestinos para a Amazônia e pela ação dos arregimentadores de mão-de-obra; em sendo a Amazônia, na época, uma região de tucanos recursos financeiros, o capital alocado nestas atividades era basicamente estrangeiro, que direta, ou indiretamente afluíram para a região em função da demanda crescente de borracha.

Neste contexto, a natureza das condições dos recursos naturais e o nível tecnológico também devem ser também observados como variáveis do processo de produção. Sobre estas duas variáveis a própria região Amazônica encarregou-se de atuar, em primeira instância, pelas dificuldades naturais para a obtenção do látex, oriundas não só das características de distribuição das seringueiras, mas também pelas relativas dificuldades de acesso às áreas de produção. Em segunda instância, a região exerceu enorme influência sobre as atitudes da população da região em relação à exploração do látex, mantendo viva a arcaica cultura e frustrando esforços de inovação técnica e de racionalização da produção.

Seguindo este fio condutor de análise, quando se observa que as mudanças não emergem da própria esfera econômica, mas antes são motivados por fatores externos que acarretam alterações no grau de utilização e das taxas de aumento dos retromencionados elementos produtivos, então, não é possível observar desenvolvimento no sentido atribuído ao termo pelo modelo schumpeteriano. Tal comportamento seria então definido apenas como crescimento, pois o desenvolvimento preconizado por Schumpeter refere-se às mudanças da vida econômica que não lhe forem impostas de fora, mas que surjam de dentro por sua própria iniciativa.

Outra característica do desenvolvimento é a perturbação nos canais de fluxo que desloca o estado da economia existente, de modo tal que a nova condição econômica não poderá ser alcançada a partir das condições prévias. Tais características não foram observadas na região Amazônica por conta da manutenção dos tradicionais modos de produção que atrelaram o novo momento econômico, caracterizado pela de maior exploração do látex, às características de extração e troca da economia preexistente.

3. À GUIZA DE CONCLUSÃO

Na virada do século XIX para o XX a borracha se tornara uma matéria-prima indispensável para as economias industrializadas. O inegável monopólio da produção do látex na Amazônia era um constante foco de disputas internacionais, e sua importância crescente fez com que o seu controle evoluísse de uma questão comercial para um status de fator econômico vital no desenvolvimento de políticas nacionais em nações como Estados Unidos e Inglaterra.

Neste contexto, desde a década de 1850 Thomas Hancock defendia o plantio sistemático das espécies produtoras da borracha nos domínios britânicos, o que além de outras facilidades, poria fim na dependência da indústria inglesa da produção monopolista amazônica. Contudo, esta empreitada encontrava uma série de barreiras, como o alto risco ocasionado pelo desconhecimento dos espécimes vegetais, pelos investimentos maciços demandados pelo longo prazo deste tipo de inversão. Por outro lado, esclarece PINTO (1984), os preços crescentes alcançados pela borracha no mercado europeu, especialmente o londrino, constituíam um enorme estímulo não só aos empresários europeus, mas também aos norte-americanos.

O cenário econômico que estão se descortinando é explicado por Schumpeter através da TDE. Segundo o autor, o lucro a curto prazo advindo da introdução de uma inovação, neste caso os produtos de borracha industrializada, chama a atenção de outros empresários, que infiltram capital de investimento no sistema econômico e cada vez mais bens no mercado.

O excesso de inovações acaba gerando o declínio das atividades empreendedoras e causa a destruição criadora, e neste cenário, as empresas devem buscar aumentar a competitividade, caso contrário, deverá se contentar com uma posição secundária no mercado, ou será fadada à bancarrota. Schumpeter ainda sustenta que tal quadro é agravado pelo resgate dos empréstimos bancários que foram necessários para a introdução das inovações no sistema econômico. Os preços e a renda são forçados para baixo, mas passado um certo tempo, o panorama torna-se novamente favorável para novas atividades empreendedoras.

A indústria da borracha parece ter seguido tal lógica schumpeteriana. Isto se torna perceptível quando se procede a análise dos períodos de industrialização da borracha descritos por PINTO (1984). O primeiro ciclo compreendeu a fase inicial de industrialização, onde os produtos sofriam com a variação térmica, perpassando pela descoberta da vulcanização e conseqüente melhoria dos produtos. As primeiras indústrias que incorporaram a vulcanização na industrialização obtiveram lucros consideráveis que incentivaram outras indústrias a fazer o mesmo. Com o tempo, o mercado já estava relativamente saturado com os produtos produzidos –

vestimentas impermeabilizadas, artefatos correlatos, mangueiras produtos mecânicos em geral, dentre outros – e neste momento a indústria ganharia um novo impulso com o advento do subsector de pneumáticos.

Os pneumáticos foram inicialmente utilizados nas rodas das bicicletas, que se tornou febre na Europa da virada do século XIX para o XX, e ganhou progressivamente o mercado dos veículos automotivos. Organizaram-se a partir daí, e em ritmo acelerado, um novo ciclo expansivo da economia capitalista. E a borracha continuaria a ser uma vital fonte de matéria-prima, principalmente pela intensificação da concorrência pela fonte produtora do látex, contudo, o monopólio amazônico, calcado em técnicas de extração arcaicas e em relações de comércio tradicionais, não apresentou barreiras de mercado eficientes a ponto de promover a perda de hegemonia no mercado internacional.

Foi então dentro deste contexto que o governo britânico decidiu patrocinar pesquisas necessárias a uma eventual aclimatação de espécies produtoras de látex em seus domínios na Ásia. Foi assim que se originou um golpe dado por H. Wickham, que levou da Amazônia 70 mil sementes de *Hevea*, das quais duas mil germinaram no Jardim botânico de Kew, em Londres. Wickham, no entanto, não fora o primeiro a contrabandear sementes de seringueira, mas por razões acidentais, foi o mais bem sucedido. No entanto, tal processo foi lento, gradativo. Conforme WEINSTEIN (1993), passaram-se cerca de 30 anos desde o traslado de sementes e mudas de *Hevea* até as propriedades britânicas na Ásia, até o período de expansão da borracha asiática na Malásia em 1910, ocasionando um gigantesco aumento da produção gomífera.

A infra-estrutura agrícola malásiana aperfeiçoava-se e diferia-se cada vez mais da amazônica, a começar pelo acesso às árvores. A produção malásiana concentrava um grande número de árvores produtoras de látex em grandes propriedades, enquanto a coleta do látex amazônica era dificultada pela grande distância entre elas. Além do que. A grande pressão dos seringalistas, aliadas às imensas dificuldades de vida e de trabalho dos seringueiros, foram alguns motivos que ocasionaram uma sensível depreciação na qualidade da borracha produzida, pois para obter uma maior margem de renda, os seringueiros adicionavam areias e pedras no látex durante o processo de defumação, o que aumentava o peso das pelotas, e segundo WEINSTEIN (1993), tal prática só era descoberta quando as pelotas eram abertas nos portos de Belém e Manaus para enviá-las ao mercado externo. Esta prática deletéria acabou gerando uma sensível depreciação do látex amazônico em função de sua baixa qualidade, em contraponto do látex asiático, de qualidade superior.

Observa PINTO(1984) que o caráter predominantemente mercantil da atividade extrativista, aliado à alta rentabilidade no período de 1870 à 1910, acabou transformando a economia da região Amazônica em um imenso entreposto comercial. A maior parte dos investimentos e recursos da região foram aplicados no setor terciário, e o setor produtivo sofreu com o descuido. Contudo, uma das poucas tentativas de melhoramento na produção, especificamente no processo de defumação do látex, foi com a introdução de uma nova técnica que reduzia o tempo de trabalho. Mesmo com o Governo Paraense tendo pagado um preço alto pela inovação, ela foi contida por uma sólida barreira cultural, que manteve as práticas primevas. No entanto, não eram somente as peculiaridades da atividade extrativista que criavam obstáculos à manutenção da competitividade amazônica num contexto de forte concorrência. Pesados encargos tributários oneravam a exportação da borracha em um quinto de seu valor.

Aliado ao quadro tem-se a inércia do governo regional, que mesmo informado sobre as plantações asiáticas, nada fez no sentido de enfrentar a concorrência asiática. O setor privado, por sua vez também foi ingênuo em não ter tomado iniciativa no período em que o látex amazônico alcançou o seu auge de rentabilidade. Assim, segundo análise de PINTO (1984), a prevalência dos interesses comerciais de curto prazo sobre o comprometimento de recursos à médio e longo termo eliminavam qualquer possibilidade de investimento em *heveicultura*. A administração pública a seu turno, transformou a parcela do capital excedente sob a forma de receitas tributárias, consumindo avidamente as mesmas em edifícios públicos e melhoramentos urbanos com praticamente nenhum significado para a atividade produtiva. Assim, da fabulosa riqueza gerada na região, quase nada permaneceu nela sob a forma de inversões produtivas.

A tradição do modelo econômico da região em nenhum momento deu espaço para as atividades empreendedoras prescritas pelo modelo Schumpeteriano, e o monopólio amazônico não se constituiu em barreira de mercado que garantisse a manutenção do mesmo. Por outro lado, o modelo de desenvolvimento econômico de Schumpeter é mais claramente observado no mercado externo através dos ciclos econômicos de curta duração – influenciados pela natureza da inovação – que caracterizaram as indústrias de artefatos à base de látex.

Definiu-se a partir de então um quadro lentamente engendrado na região: de um lado, os grupos dominantes na Amazônia, comprometidos com a manutenção das arcaicas estruturas regionais e que insistiriam na viabilização do extrativismo, e por outro, o desinteresse da união em investir as somas que tais grupos necessitavam para tal. A peculiaridade, segundo PINTO (1984), residia no fato de que neste esquema de pressões não sobrava lugar para a *heveicultura*, nem para um programa realista de diversificações da economia regional. Este conjunto de

pressões resultou de uma política gomífera ausente, e depois da desarticulação da produção da borracha silvestre, pouco ou quase nada se fez no sentido de orientá-la para a heveicultura ou para atividades não extrativistas.

REFERÊNCIAS

BAENA, Antônio Ladislau Monteiro Baena. **Ensaio corográfico sobre a província do Pará**. Brasília: Senado Federal, 2004.

COSTA, Achyles Barcelos da. **O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter**. In Cadernos IHU Idéias. Ano 4, nº47, São Leopoldo, 2006. pg 01-15.

FOSTER, John Bellamy. **The Commitment of an Intellectual**: Paul M. Sweezy (1910-2004). In Monthly Review. Volume 56, number 5. Disponível em <<http://www.monthlyreview.org/1004jbf.htm>>. Data de acesso 25/06/2007.

KIDDER, Daniel P. **Reminiscências de viagens e permanências nas províncias do Norte do Brasil**: compreendendo notícias históricas e geográficas do Império e das diversas províncias. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.

MELO NETO, Antônio de Pádua; OLIVEIRA, Tiago. Paul Sweezy: grande cientista social, pioneiro da economia política da comunicação. In **Revista de Economía Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación**, Vol. VI, n. 2, Mayo – Ago. 2004

MORIOCHI, Luis; GONÇALVES, José Sidney. **Teoria do desenvolvimento econômico de Schumpeter: uma revisão crítica**. In Informações Econômicas, São Paulo, v. 24, nº 8, 1994

OLIVEIRA FILHO, João Pacheco. **O caboclo e o brabo: notas sobre duas modalidades de força de trabalho na expansão da fronteira amazônica no século XIX**. In Encontros com a Civilização Brasileira. V. 11. 1979. pg. 101-140

PINTO, Nelson. Prado Alves. **Política da borracha no Brasil: a falência da borracha vegetal**. São Paulo: Hucitec, 1984.

PRADO JR., Caio. **História econômica do Brasil**, São Paulo, Brasiliense, 1985.

SARGES, Maria de Nazaré. **Belém: Riquezas produzindo a Belle Époque (1870-1912)**. Belém: Paka-Tatu, 2002.

SCHUMPETER, J. A. **Teoria do desenvolvimento econômico**: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e ciclo econômico. 3ª. Ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988. pg.10

WALLACE, Alfred Russel. **Viagens pelos rios Amazonas e Negro**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1979.

WALLE, Paul. **No Brasil, do Rio São Francisco ao Amazonas**. Senado Federal. Conselho Editorial, 2006.

WEINSTEIN, Bárbara. **A borracha na Amazônia: expansão e decadência, 1850-1920**. São Paulo, Hucitec, 1993.